

#cm  
2

SEGUNDA-FEIRA



Maria Mazzillo/Divulgação

# 50 anos

## esculpindo o vento

Um dos instrumentistas brasileiros de **maior prestígio nacional** e internacional está **completando 50 anos de carreira**. Entre as celebrações desse momento especial estão **uma série de concertos** com a Brasil Jazz Sinfônica e o relançamento de **seu primeiro álbum solo**, o aclamado 'O Escultor do Vento', de 1997. "**Comemorar 50 anos** de música instrumental nesse país **é muita resistência**", ensina. **Pág 2**

Carlos Malta começou a tocar flauta aos 15 anos, mas sua carreira se transformou radicalmente quando integrou a banda de Hermento Pascoal

AFFONSO NUNES

**A**os 15 anos, o carioca Carlos Malta tocava pela primeira vez uma flauta transversa e talvez não fosse capaz de imaginar que com aquele instrumento iria redefinir caminhos na música instrumental brasileira. O multi-instrumentista comemora 50 anos de carreira com uma série de projetos: em maio tocou com Dave Matthews em concertos pelos Estados Unidos, está relançando seu primeiro álbum solo, “O Escultor do Vento” (1997), e fará apresentações com a Brasil Jazz Sinfônica. “Comemorar 50 anos de música instrumental nesse país é muita resistência”, disse Malta em entrevista recente à Rádio Nacional.

O músico começou a atuar profissionalmente aos 18 anos ao lado de artistas como Johnny Alf, Antônio Carlos & Jocafi e Maria Creuza. Mas foi em 1981, quando ingressou no grupo de Hermeto Pascoal (1936-2025), que sua musicalidade aflora absurdamente. Durante doze anos, até 1993, Malta integrou uma das formações mais criativas da música mundial, período que aprofundou sua visão sobre improvisação, composição e liberdade criativa. A convivência com o “bruxo” Hermeto consolidou uma base artística que se tornaria fundamental para toda sua produção futura.

“Com o Hermeto, foram 12 anos. O espírito desse músico que eu carrego dentro de mim permeia toda essa coisa que me movimentou por aí, por esse mundo da música. A gente que vive com ele aprende a fazer as melhores bruxarias. A música é o nosso elemento, é o nosso universo”, comenta, ao falar do velho mestre.

Em 1994, Malta criou o Pife Muderno, projeto que se tornou divisor de águas ao levar o pífanos — instrumento historicamente associado às manifestações populares nordestinas — para a seara do jazz sem descaracterizar suas raízes.



“Com o Hermeto, foram 12 anos. O espírito desse músico que eu carrego dentro de mim permeia toda essa coisa que me movimentou por aí, por esse mundo da música. A gente que vive com ele aprende a fazer as melhores bruxarias”

CARLOS MALTA

‘A música é o nosso elemento, é o nosso

universo’

Ao longo da carreira, Malta desenvolveu extensa pesquisa sobre instrumentos de sopro, dominando flautas, saxofones, clarinetes, pífanos e instrumentos tradicionais de diferentes culturas. Essa investigação resultou em uma sonoridade imediatamente reconhecível. Seu trabalho alcançou projeção internacional: apresentou-se em importantes festivais e centros culturais pelo mundo e construiu parcerias com Pat Metheny, Marcus Miller, Charlie Haden, Egberto Gismonti, Lenine, Edu Lobo, Guinga e Dave Matthews Band, transitando com naturalidade entre a música brasileira, o jazz e a world music.

A pesquisa sobre as matrizes culturais brasileiras também marca sua obra. Essa investigação está sintetizada no documentário “Xingu Cariri Caruaru Carioca” (2015), que aproxima tradições indígenas, culturas populares nordestinas e a produção musical urbana para refletir sobre a formação de nossa identidade sonora.

Depoimentos de colaboradores de longa data revelam a dimensão de sua influência. “Carlos Malta o músico de excelência multi-instrumentista compositor arranjador que tanto colaborou e tem colaborado com a minha carreira eu só posso agradecer a convivência com esse artista genial. Ele tem esse reconhecimento por onde ele passa ele deixa a marca dele é um orgulho da música brasileira é um orgulho de ser seu amigo”, destaca Guinga.



Mentor musical de Carlos Malta, Hermeto Pascoal foi influência marcante na obra do multi-instrumentista

Edu Lobo destaca Malta como “mestre da música brasileira”, formado pela experiência com Hermeto. Lenine relembra encontros nos anos 1980 e descreve uma “amizade grande e profunda” marcada por “intercâmbio musical muito grande”. Moacir Luz conta que o conheceu tocando flauta entre as mesas de um teatro, com o público atrás dele “feito uma rabiola que leva a pipa para o mais alto do céu”. Hamilton de Holanda o chama de “escultor do vento” e celebra sua “criatividade, liberdade e verdade”. Nelson Faria o descreve como “dos músicos mais talentosos e criativos” que conheceu, um “improvisador de excelência”. Paulinho Moska, que o admirava desde a adolescência ouvindo discos de Hermeto. “E era sempre uma epifania porque todos os músicos da banda também eram geniais. Eram como super-heróis com poderes sobrenaturais, artistas que pareciam tocar a música mais linda e difícil de um jeito mais fácil e mais lindo. E entre eles estava o Carlos Malta”, recorda.

Em 2026, Malta segue em atividade intensa. Apresenta-se com a Brasil Jazz Sinfônica em São Paulo, algo que lhe motiva bastante. “Orquestra sinfônica para mim é uma das coisas mais importantes que existem. Porque justamente tá ali, tá tudo ali, os instrumentos estão todos ali. É lindo demais”, afirma.

## CRÍTICA DISCO | SINFONIA EM QUADRINHOS

POR AQUILES RIQUE REIS\*

**H**oje trataremos de “Sinfonia em Quadrinhos”, obra seminal de Hermeto Pascoal. Inicialmente gravada ao vivo (<https://11nq.com/1n9zsl4>) em 1986, durante uma apresentação no Masp/SP, o registro é, ainda que precário, um marco na carreira do “Bruxo do Jabour” (bairro da Zona Oeste carioca onde Hermeto morou até sua morte, em setembro de 2025, aos 86 anos).

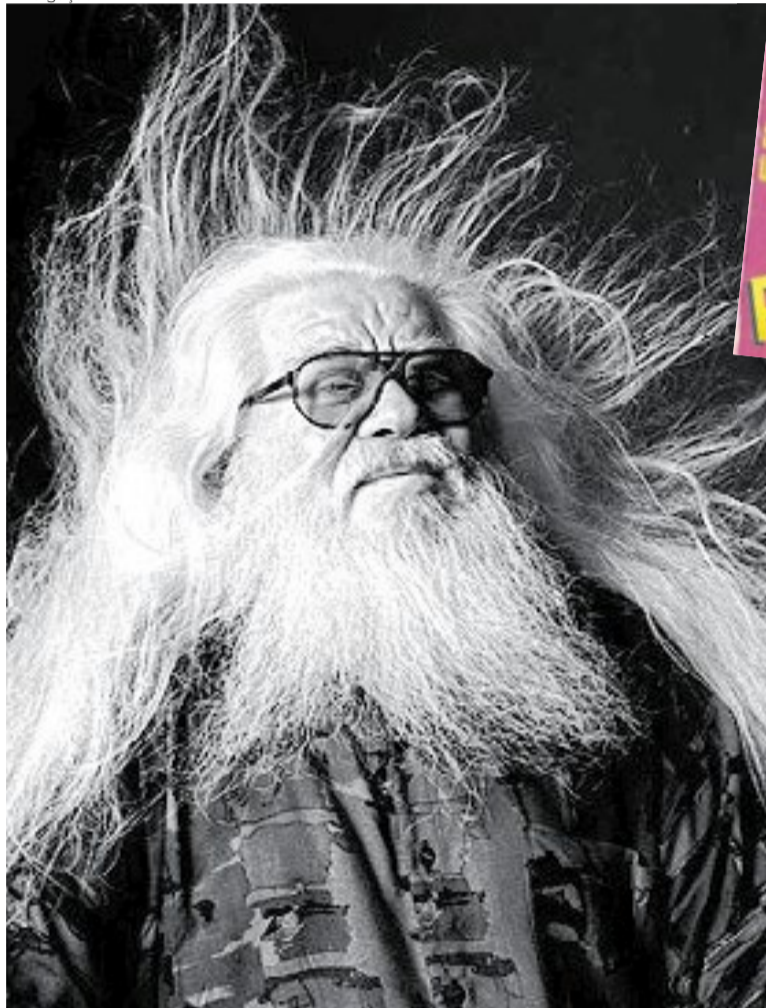
Nessa gravação, percebe-se o entusiasmo dos instrumentistas da Orquestra Jovem Tom Jobim que, fundada em 2001 sob direção do maestro Roberto Sion, tem atualmente os maestros Nelson Ayres e Tiago Costa como regentes. Emociona quando a câmera passeia pelos instrumentistas, flagrando-os em pleno momento de registrar um acontecimento histórico no qual se sabem protagonistas, pois assim o sentem. E ali, bem ao lado deles, está Hermeto Pascoal se revezando ao piano, sax tenor, berrante, sanfona, flauta e percussões. E isso não é tudo, ainda tem muito mais.

Agora vamos ao outro desígnio desta coluna: “Sinfonia em Quadrinhos” foi gravada este ano em estúdio (<https://11nq.com/1n9zsl4>).

Finalmente a possibilidade aventada desde 2016 a partir

# As peripécias de um bruxo

Divulgação



Antes de sua morte, Hermeto Pascoal realizou o desejo de gravar sua ‘Sinfonia em Quadrinhos’ em estúdio, fazendo uso de todos os recursos disponíveis para dar forma final à sua obra



de conversas de Hermeto com Tiago Gomes, diretor artístico do projeto, músico e produtor. Naquela época, o Bruxo já manifestara abertamente o desejo de ver a sua “Sinfonia em Quadrinhos” finalmente gravada com todos os recursos técnicos – nada mais justo. Tudo foi feito com o requinte merecido, digno de aplausos e comemorações.

Hermeto é o poeta mágico que desvenda o segredo das manifestações e as faz soar ao encantamento de sua “maluquice”. Ele transforma tudo em extraordinárias inconseqüências. Sua música a tudo vê e a todos conclama a reagir à própria in-

significância. A música do poeta contrapõe-se à obviedade da vida. A cada nota, sua certeza; a cada dúvida, suas palavras em acordes.

O Bruxo em cena, como bem demonstra o vídeo de 1986, mais parece uma criança que, sem dúvida, entenece os adultos com suas peraltices, eles que mal se dão conta de que tais gabolices são fruto de uma produtividade musical em efervescência.

Compondo a “Sinfonia em Quadrinhos” com 31 pequenas peças, à semelhança das revistas em quadrinhos, Hermeto rompe com a tradição da forma sinfônica clássica, que possui apenas quatro movimentos. Ao auferir-lhes incontestável narrativa sonora, cada peça ganha vida. E a genialidade de Hermeto Pascoal explode em meio aos que, incrédulos com tamanha jovialidade, deixam-se (e)levar ao mundo de quebra-cabeças do bruxo-mestre.

## Ficha técnica

Composição e orquestração: Hermeto Pascoal; direção artística e produção musical: Tiago Gomes; produção executiva: Lucas Silveira e Tiago Gomes; orquestra: Orquestra Jovem Tom Jobim; regência: Tiago Costa, maestro assistente: Paulo Malheiros; coordenação de comunicação: Aline Vedana; estúdio: Estúdio Arsis – São Paulo/SP.

\*Vocalista do MPB e escritor

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Tathy Aquiar/Divulgação



### Uma elegia para Exu

O grupo Awurê lançou uma versão ao vivo de “Padê Onã”, composição de Douglas Germano. A faixa é o registro de uma apresentação ao vivo na Fundação Progresso, na Lapa. Com interpretação dos vocalistas Fabíola Machado e Arifan Júnior, o grupo mescla ritmos e influências do candomblé nesta homenagem ao orixá Exu. “Com as bênçãos de Exu, aquele que vem primeiro, é misto de honra e emoção”, celebra Arifan. “É nosso primeiro lançamento ao vivo e fazer isso na Fundação Progresso é muito especial”, completa Fabíola.

Divulgação



### O Pará ontem e hoje

A cantora paraense Liah Soares lançou o videoclipe de “Paraense”, que reúne duas gerações da música amazônica. A faixa, que integra o EP “Amazônia Beats – Ritmos Tropicais da Floresta”, conta com a participação de Dona Onete, referência do carimbó chamegado. A canção celebra a identidade e cultura paraense. “Isso aqui é nosso. Isso aqui só tem aqui. Essa música tem cheiro, sabor e verdade”, afirma Dona Onete. Para Liah, “ter Dona Onete nesse trabalho é uma honra muito grande. Ela representa a força da nossa cultura”.

Divulgação



### Na órbita de Totonho

O cantor cearense Lucas Bezerra lança nesta quinta (8) o single “O Arqueiro Zen”, em parceria com Rita Benneditto. A faixa antecipa seu álbum de estreia “Eu Mandei Meu Amor Pro Espaço”, previsto para agosto pelo selo Cantores Del Mundo. O disco é inteiramente dedicado à obra do compositor paraibano Totonho, conhecido por sua escrita inventiva e álbuns fundamentais da música independente brasileira. A produção musical é de Arthus Fochi e foi desenvolvida ao longo de três anos em cidades do Brasil, Dinamarca e Suécia.

ENTREVISTA | **MARCUS BALDINI**

CINEASTA

# ‘Hoje, a maior dificuldade que temos no cinema brasileiro é conquistar o público nas salas’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

**C**erca de três anos depois de desafiar as convenções do thriller com “O Sequestro do Voo 375”, Marcus Baldini abre um espaço numa agenda hoje povoada pela finalização da sequência de “Bruna Surfistinha” (2011), de seu maior sucesso, para um projeto também ligado a universos de ilegalidade: “Storm”. No último Festival de Cannes, em maio, ele passou pelo Marché du Film com um projeto (de Fôlego) com roteiro de Homero Olivetto, inspirado nos feitos digitais do hacker Wanderley de Abreu Jr. Aos 19 anos, ele invadiu a rede da NASA e, pouco depois, colaborou com o Ministério Público do Rio de Janeiro na primeira grande investigação de pedofilia online do país.

Coprodução entre a Amálgama Entretenimento, Paris Produções e a espanhola DACSA Producciones, o longa está em fase final de captação, tem filmagens previstas para 2027 e estreia programada para 2028, quando se completam 25 anos da mudança no Estatuto da Criança e do Adolescente que passou a tipificar explicitamente os crimes de pedofilia online. Em conversa com o Correio da Manhã, Baldini, um campeão de bilheteria, fala sobre a construção desse protagonista.

**Qual é a abordagem para a figura de Wanderley de Abreu numa linha de jornada do herói? O que ele simboliza em termos de dramaturgia para a narrativa?**

**Marcus Baldini** - “Storm” é uma história de um garoto que tem uma vida se abrindo no Rio de Janeiro, mas que acabou de viver uma invasão à NASA. É um hacker promissor, genial e muito fora da curva dentro do Rio da década de 1990. Ele se envolve numa investigação, que é a Operação Catedral, movida pelo Ministério Público do Rio, e vai tomar contato com um mundo sombrio que ele não imaginava existir. Essa é a história de um garoto que vai entendendo como pode ser difícil, sombrio e dolorido conhecer lados da humanidade que, num momento inicial, ele achava que não existiam. Com os instrumentos emocionais que tem, ele entra numa jornada de obsessão por resolver esses crimes, contribuindo com o que foi a primeira operação de prisão de pedófilos no Brasil. É uma trama que fala da perda da inocência.

**De que maneira esse universo dos hackers aponta para práticas relacionais que têm no ambiente digital uma forma de conexão com o mundo?**

Esse é um tema muito atual. A forma como a gente hoje se

relaciona com o digital cria, dentro do próprio ambiente da web, uma ilusão de que aquilo tem uma conexão com o mundo real às vezes mais forte do que imaginamos. De que forma podemos, dentro desse universo, mostrar lados que... talvez... no mundo real, não mostrássemos? Os hackers têm justamente esse olhar. Um olhar de um lugar um pouco anárquico, de subversão das leis, um lugar de libertação, muitas vezes, de amarras que determinados sistemas políticos ou ideológicos colocam. Têm um lado que se conecta muito com o personagem do Wanderley: o do justiceiro.

**De que forma “Storm” amplia a mirada que você trouxe de “Bruna Surfistinha” para um (sub)mundo de moral que escapa das convenções de bom comportamento?**

Existe um interesse por esse personagem justamente por ele transitar dentro de um universo que subverte as convenções sociais, um status quo mais comportado, ligado às leis e aos bons costumes. Talvez isso tenha uma conexão com esse lado subversivo da Bruna. São personagens disruptivos que tentam romper com o universo em que estão inseridos. Eles tentam ser de outra maneira, têm um tom libertador, uma busca por identidade. Storm tenta resolver as coisas através de



Divulgação

“Eu acredito muito num cinema que fala de figuras brasileiras e de eventos reais que se conectam com a sociedade brasileira e com o espectador”

outra lógica e, inclusive, as burocracias dos ritos processuais acabam sendo obstáculos para a própria noção dele de justiça. Numa trajetória diferente da Bruna, posso dizer que ele também subverte as expectativas de bom comportamento por ser um hacker que utiliza todas as suas técnicas e táticas a serviço de uma jornada de justiça. A Bruna vivia uma jornada mais individual. Ela era uma personagem mais centrada nela mesma.

**O primeiro “Bruna Surfistinha” vendeu 2,1 milhões de ingressos, com base num relato real. Que cinema você acredita estar construindo ao tratar de figuras/eventos reais de um Brasil que encontra alternativas nas franjas da ilicitude para sobreviver?**

Eu acredito muito num cinema que fala de figuras brasileiras e de eventos reais que se conectam com a sociedade brasileira e com o espectador. Sempre tento fazer um cinema que se conecte com o público. Hoje, a maior dificuldade que temos no cinema brasileiro é conquistar o público nas salas. Eu busco isso desde “Bruna Surfistinha”, trazendo uma mistura que considero muito positiva: entretenimento e reflexão. Quero fazer filmes que façam alguém pensar sobre o Brasil, sobre o meio em que vive, sobre a História do país, mas que, ao mesmo tempo, tenham contestação, com reflexão e entretenimento.

**O que vem pela frente, além de “Storm”?**

Tem um projeto que eu adoro, que é a biografia do cantor Nelson Ned, baseada

no livro do André Barcinski. É um filme cujo roteiro estou desenvolvendo e quero fazer em espanhol. O Ned é o maior vendedor brasileiro de discos na América Latina, com números impressionantes, um artista comparável ao Julio Iglesias, e o Brasil tem pouca noção dessa dimensão. A história humana dele, com toda a questão do nanismo e da família, é incrível. Também estou fazendo a adaptação do livro “Entre Gados e Homens”, da Ana Paula Maia. Será um filme falado em espanhol. A Ana Paula é uma escritora de enorme sucesso na América Latina. É uma coprodução com Colômbia e México. Estou trabalhando também em “Bruna Surfistinha 2”, que será lançado em janeiro e está em fase de montagem e finalização.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Incluída na competição oficial do Festival de Locarno (agendado de 5 a 15 de agosto na Suíça) com “Melk”, de Filip Antho-nissen, a Bélgica passou os últimos 30 anos apoiada na excelência dos contos morais dos irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne, vencedores da Palma de Ouro com “Rosetta” (1999) e “A Criança” (2005), usando-os como seu estandarte. Ganhou um reforço simbólico em 2022, quando a revista “Sight and Sound”, elegeu “Jeanne Dielman” (1975), da bruxelense Chantal Akerman (1950-2015), “o maior filme da História” em votação da crítica. Ainda assim, sua produção costuma ser mais lembrada por coproduções com a França.

Ações cada vez mais contínuas se desenham, a partir da produção artística daquela pátria, para fazer de seu audiovisual uma grife, amparada sobretudo no êxito em ascensão do jovem diretor Lukas Dhont (de “Close”). Ele foi uma das sensações de Cannes, em maio, com “Coward”, um romance queer com base no amor entre dois soldados da I Guerra, que rendeu a láurea de Melhor Interpretação para Emmanuel Macchia e Valentin Campagne na Croisette. Crescente também é o prestígio de Jochim Lafosse, duplamente laureado em San Sebastián, em 2025, com “Seis Dias Naquela Primavera”, agraciado com os troféus de Melhor Direção e Melhor Roteiro. A presença belga recente em importantes competições, como a briga pelo Urso Ouro da Berlinale – ao qual concorreu em fevereiro, com o thriller “Dust”, de Anke Blonde -, também foi um reforço importante para sua indústria. Igualmente expressiva foi a presença de “Comme Un Château Fort”, de Lou Colpé, no Visions Du Réel, maratona documental de fama mundial.

A reação mais significativa daquela população da Europa na telona vem em setembro, com a realização do Festival de Bruxelas, um evento competitivo que redesenha a visibilidade do patrimônio cinéfilo daquela nação. Sua nona edição decorre de 4 a 12 de setembro.

Criado em 2018 para devolver à capital belga um festival internacional de grande porte, o Brussels Film Festival, ou BRIFF, consolidou-se rapidamente como uma vitrine do audiovisual do país e da Europa. Em apenas oito edições, tornou-se um ponto de encontro entre produções nacionais e o circuito internacional, reunindo competição mundial, mostra belga, retrospectivas e sessões especiais. Entre os vencedores de sua competição principal estão “The Barefoot Emperor”, de Jessica Woodworth e Peter Brosens; “Ghost Tropic”, de Bas Devos;

# Ofensiva

## belga

Depois de sair premiada de Cannes com ‘Coward’, de Lukas Dhont, a pátria dos Dardenne e de Chantal Akerman renova sua produção e prepara um Festival de Bruxelas bombado



Diaphana

‘Coward’ narra a paixão de dois jovens soldados envolvidos com teatro na I Guerra Mundial



Toon Aerts/Divulgação

‘Dust’, da diretora Anke Blondé, um thriller sobre especulação financeira, representou na Bélgica na briga pelo Urso de Ouro



Divulgação

‘Comme Un Château Fort’ deslumbrou olhares no Visions du Réel

“Playground”, de Laura Wandel; “Um Varón”, do colombiano Fabián Hernández; e “Omen”, do congolês Baloji.

Este ano, “Notre Salut”, de Emmanuel Marre, laureado em Cannes com o Prêmio de Roteiro (ao falar de colaboracionismo na França ocupada), abre o evento. Já foram os primeiros títulos da Competição Nacional de Bruxelas. Entre eles estão “Ceci N’est Pas Un Film Français”, estreia em longa de Tom Adjibi, que discute os estereótipos enfrentados por atores negros na indústria audiovisual francesa e belga; “Fronteira”, de Judith Colell, ambientado na resistência europeia durante a Segunda Guerra Mundial; o já citado (e badalado).doc “Comme Un Château Fort”, inspirado na própria trajetória de sua diretora em busca de um amor sumido; “The Silent Treatment”, de Caroline Strubbe, que encerra uma trilogia iniciada há quase vinte anos; a animação “Gregor”, de Manuel Gomez, exibida recentemente em Annecy; e “Kwibuka,

Se Souvenir”, de Jonas d’Adesky, drama sobre memória e o legado do genocídio em Ruanda.

Novas atrações serão anunciadas nas próximas semanas, revitalizando uma genealogia das mais criativas no culto à autoridade. A história do cinema belga antecede até mesmo a invenção do cinematógrafo dos irmãos Lumière. Em 1836, o físico belga Joseph Plateau (1801-1883), professor da Universidade de Ghent, criou o fenacístoscópio, dispositivo considerado um dos precursores da animação e da linguagem cinematográfica. A primeira projeção pública de filmes na Bélgica ocorreu em 1º de março de 1896, em Bruxelas, e, poucos anos depois, o francês Charles Pathé (1863-1957) impulsionou a produção local por meio do estúdio fundado em 1910 por Alfred Machin (1877-1929). Nas décadas seguintes, o país consolidou uma tradição documental com Charles Dekeuleire (1905-1971) e Henri Storck (1907-1999), enquanto Jan Vanderheyden (1887-1953) popularizou adaptações literárias como “De Witte” (1934). A animação belga ganhou projeção internacional graças a Raoul Servais (1928-2023), vencedor da Palma de Ouro de curta-metragem em Cannes por “Harpya” (1979). Chantal e os Dardenne, cada um à sua maneira, mantiveram acesa a vitalidade daquela cinematografia, reforçada ainda por sucessos como “Alabama Monroe” (2012), de Felix van Groeningen; “O Novo Testamento” (2015), de Jaco Van Dormael, e “L’Intérêt d’Adam”, de Laura Wandel.

Quatro anos depois de vencer o Prêmio do Júri de Cannes com “As Oito Montanhas” (2022), que rodou em dupla com sua companheira, a atriz Charlotte Vandermeersch, Groeningen deve chacoalhar os ânimos do Festival de Veneza, em setembro, com “Let Love In”, brigando por um Leão de Ouro para a Bélgica.

Divulgação



Cartaz do BRIFF, agendado para setembro

**C**inco mulheres entram em uma sala de aula. Cada uma acredita ser a única professora ali — as outras quatro, portanto, devem ser alunas. O conflito que nasce dessa confusão é o ponto de partida de “Margaridas”, espetáculo que estreia nesta quinta-feira (9) no Sesc Copacabana. A dramaturgia de Cecília Ripoll propõe uma reflexão incômoda sobre educação, escuta e as fraturas que atravessam a profissão docente nos dias de hoje.

A peça nasceu de uma conversa entre amigas. Ana Achcar, professora há mais de 30 anos na Uni-Rio, idealizou o projeto ao lado de Cecília Ripoll e da diretora Natasha Corbelino. O que começou como um desejo de estar em cena com pessoas que marcaram sua trajetória — muitos de seus alunos viraram artistas e colegas — ganhou corpo e se transformou em algo maior: uma investigação sobre o que significa ensinar em 2026.

“Dou aula há mais de 30 anos, e muitos dos meus alunos se tornaram amigos ou artistas com os quais trabalhei depois. Neste projeto, quis estar em cena com essas pessoas que tiveram um papel tão importante na minha vida”, descreve Achcar. No elenco estão Bel Flaksman, Dani Barros, Graciana Valladares e Mariana Consoli — todas com trajetórias que transitam entre a sala de aula e os palcos.

Cecília conta que o texto nasceu das conversas iniciais com a equipe. “O que mais me chamou atenção foi a fluidez constante com que nossos relatos transitavam entre a posição de professora e aluna”, conta a autora. Essa obser-

# Múltiplas verdades na sala de aula

Teatro e educação se encontram em ‘Margaridas’, que chega ao Sesc Copacabana

Ana Alexandrino/Divulgação



Bel Flaksman, Graciana Valladares, Mariana Consoli, Ana Achcar e Dani Barros estão no elenco

“A peça nos faz rir das diferenças entre essas mulheres, mas também nos convida a refletir sobre algo muito atual e urgente: nossa dificuldade de ouvir quem pensa diferente de nós”

NATASHA CORBELINO

vação virou o núcleo da trama: e se a confusão entre esses dois papéis fosse absoluta? A partir daí, a peça se desdobra em humor, conflito e, principalmente, em perguntas sem respostas fáceis.

No dia anterior ao encontro das cinco, todas passaram por uma experiência de violência relacionada a um pai de aluno. Esse trauma compartilhado funciona como pano de fundo para a reflexão que o espetáculo propõe. A montagem faz um passeio por 200 anos de educação — de 1916 a um futuro imaginado em 2116.

“Cinco atrizes professoras revelam seus múltiplos modos de olhar a educação. A peça nos faz rir das diferenças entre essas mulheres, mas também nos convida a refletir sobre algo muito atual e urgente: nossa dificuldade de ouvir quem pensa diferente de nós”, destaca Natasha Corbelino, acrescentando que a montagem fala sobre a necessidade de construir pontes entre tempos, ideias e pessoas.

## SERVIÇO

### MARGARIDAS

Sesc Copacabana — Espaço Multiuso (rua Domingos Ferreira, 160)  
De 9/7 a 2/8, quintas e sextas (19h) | sábados e domingos (17h)  
Ingressos: R\$ 40, R\$ 28 (sócio Sesc) e R\$ 20 (meia)

# O samba da laje ganha os palcos

Musical ‘Pra Te Ver Feliz’ leva histórias do subúrbio carioca ao Sesc Ginástico

O musical “Pra te ver feliz” chega ao Teatro Sesc Ginástico nesta sexta-feira (10) para contar histórias que ecoam nas ruas do subúrbio carioca. Com texto e direção de João Batista, a peça é o segundo trabalho da trilogia “Dá samba”, iniciada em 2013 com “Quando a Gente Ama”, também baseado na obra de um compositor brasileiro — naquele caso, Arlindo Cruz.

A montagem reúne sete atores-cantores — Aline Borges, Elli Ferreira, Jeniffer Dias, Lucas da Purificação, Thiago Thomé, Udyly Procópio e Vilma Melo — que compartilham o palco com quatro músicos. Juntos, eles reconstróem cenas do dia a dia: uma festa de Natal em família, um grupo de amigos em um ônibus lotado rumo à praia, um casal que se encontra pela primeira vez na noite de réveillon. As histórias se cruzam ao som de canções que são verdadeiras trilhas sonoras da vida carioca.



O elenco de ‘Pra Te Ver Feliz’, uma radiografia sonora na vida no subúrbio carioca

“A música popular brasileira une as pessoas em momentos de festa de família, aniversários, churrasco na laje, fim de namoro. Tudo isso se relaciona com alguma música”,

explica João Batista sobre a escolha de estruturar o espetáculo em torno do samba. O diretor musical Marcelo Alonso Neves buscou recriar a atmosfera de uma roda de samba,

intercalando texto e música, desconstruindo o ritmo original sem descaracterizar o gênero.

O repertório inclui composições de Almir Guineto — sambis-

ta que faleceu em 2017 e deixou obra marcada pela força lírica e pela celebração da cultura negra. Canções como “Conselho”, “Insensato destino”, “Mel na boca” e “Lugar ao sol” tecem a narrativa cênica. Segundo o produtor Bruno Mariozz, a trilogia “Dá samba” resgata a composição como parte do cotidiano, aquilo que os grandes autores criam e que vira trilha sonora das vidas ordinárias. “Os personagens criados pelo João têm muitas sutilezas, com diálogos enxutos que carregam muitos sentimentos”, destaca.

## SERVIÇO

### PRA TE VER FELIZ

Teatro Sesc Ginástico (Av. Graça Aranha, 187, Centro)  
De 10/7 a 9/8, quintas e sextas (19h), sábados e domingos (17h)  
Ingressos: R\$ 60, R\$ 30 (meia); R\$ 15 (sócio Sesc) e grátis (PCG)

Chef Alice Isha lança novo menu executivo no charmoso casarão do Sobrado da Cidade

AFFONSO NUNES

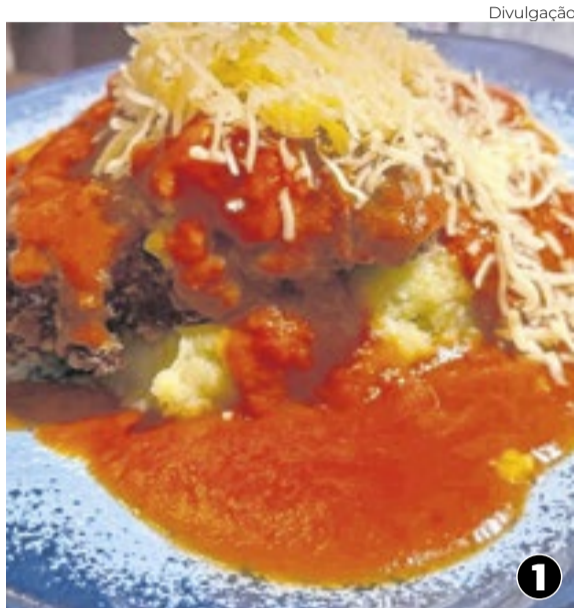
**Q**uem disse que almoços executivos não podem ter personalidade por trás de cada garfada? No Sobrado da Cidade, encravado na Rua do Rosário, aquela refeição na pausa do expediente une gastronomia autoral, patrimônio histórico e hospitalidade.

Instalado em um casarão de 1865, o restaurante lança seu novo Menu Executivo, com uma proposta que convida o público a desacelerar a rotina e vivenciar uma experiência única.

Servido de segunda a sexta-feira, das 11h30 às 16h30, o menu oferece entrada, prato principal e sobremesa por R\$ 86, tornando acessível uma cozinha que privilegia referências da culinária brasileira com ingredientes de excelência e técnicas modernas com a assinatura da chef Alice Isha.

A experiência começa com duas opções de entrada: a polenta cremosa recheada com ragú de cupim e pesto de agrião, ou a salada de folhas, tomate, pepino, manga e molho de iogurte com chia. Entre os pratos principais estão as iscas de linguado com cuscuz paraense e legumes; papardelle ao molho cítrico

# Uma pausa gastronômica no Centro



Divulgação



Divulgação



Divulgação



Genaro Braga/Divulgação

com peito de frango orgânico; hambúrguer artesanal de cogumelos e couve-flor; risoto de queijo com vazio nobre assado; e filé mignon suíno à parmegiana com purê de batata-doce.

As sobremesas reforçam o equilíbrio entre tradição e delicadeza: brownie de chocolate meio amargo com sorvete de creme e Vol-au-Vent Tropical com massa folhada, chantilly e frutas vermelhas.

O casarão preserva elementos arquitetônicos que contam parte da história da cidade, como a parede de 23 metros de altura e os azulejos holandeses originais. Ao longo de sua trajetória, o imóvel já abrigou armazém, sede de companhias marítimas, hotel e residência. Hoje, esse patrimônio histórico recebe moradores, turistas e profissionais da região em um ambiente onde boa gastronomia, música, arte e memória convivem. Vale frequentar a casa nos fins de semana quando músicos de choro e jazz se apresentam regularmente no horário de almoço.

**SERVIÇO****SOBRADO DA CIDADE**

Rua do Rosário, 34 – Centro  
Menu Executivo: segunda a sexta (11h30 às 16h30) a R\$ 86 (entrada + prato principal + sobremesa)

Funcionamento normal: segunda a sexta (11h30 às 17h) | sábados e domingos (12h às 18h)

- 1 - Mignon suíno à parmegiana com base de purê de batata inglesa e doce;
- 2 - Papardelle ao molho cítrico com peito de frango orgânico;
- 3 - hambúrguer artesanal de cogumelos e couve-flor;
- 4 - risoto de queijos

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

### Sushi pra comer no tubo

Depois de apostar no Maluca O Peixe, a empresária Manuela Ornelas apresenta mais uma novidade gastronômica em Copacabana. Batizada como Push Pop Sushi, a casa é a primeira no Rio a oferecer o sushi no tubo, uma nova tendência na culinária japonesa. A proposta é servir sushis em embalagens cilíndricas, práticas para consumir em qualquer lugar, sem necessidade de hashis ou pratos. O cardápio reúne nove sabores, entre versões tradicionais e autorais, com preços que variam de R\$ 34 a R\$ 54.



Divulgação

### Didier no Zona Sul

Após o encerramento das atividades de seu restaurante, o chef francês Didier Labbé será o chef convidado no próximo dia 8, para uma aula no Supermercado Zona Sul de Ipanema ao lado do expert Zona Sul Christophe Lidy, para uma aula dedicada aos grandes clássicos da culinária francesa. A experiência levará o público por uma viagem pelos sabores que marcaram a história da França, com um menu composto por Sopa de Cebola, o tradicional Coq au Vin e a clássica sobremesa Pera Belle Hélène. Ingressos no Sympla.



Mollica

### Um almoço à inglesa

O restaurante Nimbus, em Botafogo, estreia o Saturday Lunch, almoço mensal inspirado no tradicional Sunday Roast inglês. A primeira edição acontece no último sábado do mês, das 12h às 17h, com menu em quatro etapas assinado pelo chef Jimmy McLennan por R\$ 300 por pessoa. A experiência inclui pão de fermentação natural, entradas, cordeiro assado lentamente como prato principal e Tarte Tatin de maçã verde na sobremesa. A harmonização opcional será com taças de Barbera. Reservas pelo WhatsApp: (21) 99765-3465.

## FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

# Amor, uma ode à musa inspiradora

Dizem que o amor é uma fraqueza. Nunca acreditei nisso. Se fosse, não existiriam os poetas, os pintores, os músicos e, muito menos, os fotógrafos. O amor enxerga longe. Descobre detalhes onde os distraídos veem apenas rotina. É uma lente de aumento para a alma.

Conheci gente que atravessou oceanos por causa de um grande amor. Outros escreveram livros, compuseram canções e pintaram quadros. Eu, que sempre caminhei com uma câmera pendurada no pescoço, aprendi que uma musa inspiradora não muda apenas o coração de um homem; muda também o jeito como ele olha o mundo.

Dizem que o amor muda as pessoas. Talvez mude apenas o olhar. E isso já basta. Quem ama enxerga o que passa despercebido. A luz sobre uma janela. O vento brincando com os cabelos. O silêncio entre duas palavras. A beleza mora nesses pequenos instantes.

Sempre achei que fotografava paisagens. Descobri, com o tempo, que fotografava sentimentos. O mar era apenas cenário. A montanha, moldura. A verdadeira imagem estava nos olhos de quem caminhava ao meu lado. Toda musa inspiradora possui esse dom. Não precisa fazer discursos. Basta existir.

Sua presença altera a luz da manhã. O fim da tarde ganha novas cores. Até uma rua comum parece diferente. O coração muda o enquadramento antes mesmo de a câmera encontrar o foco.

A cidade continua igual. O sol nasce no mesmo lugar. As ondas repetem seu antigo caminho. Os pássaros seguem ignorando o relógio. Mas quem ama nunca vê a mesma paisagem duas vezes.

A musa ensina sem perceber. Mostra que um café compartilhado pode valer mais que um banquete. Que uma caminhada sem destino guarda mais histórias do que uma viagem planejada. Que um sorriso espontâneo ilumina mais do que qualquer refletor.

O amor desperta a criatividade. Faz nascer palavras adormecidas. Traz de volta os cadernos esquecidos. Empurra o fotógrafo para mais um clique. Convence o cronista a escrever mais uma linha. É curioso. A inspiração não mora nas grandes emoções. Prefere os detalhes.

Está no cabelo desalinhado pelo vento. No vestido dançando com a brisa. No olhar perdido diante do mar. Na mão que procura outra mão sem fazer alarde. São momentos rápidos. Quase invisíveis. Mas duram para sempre dentro da memória.

Aprendi que a boa fotografia não depende apenas da técnica. Depende da sensibilidade. A câmera registra o que está diante da lente. O coração registra o que escapa dela. Por isso, as melhores imagens raramente são perfeitas. Um sorriso fora de hora. Um raio de sol atravessando a sombra. Um gesto inesperado. A vida nunca posa. Apenas acontece.

Talvez seja esse o maior presente de uma musa inspiradora. Ela não cria apenas belas lembranças. Ela desperta um novo olhar. Depois dela, o mundo parece maior. As cores ficam mais vivas. As manhãs chegam mais cedo. Até o silêncio ganha voz. O amor não transforma apenas quem ama. Transforma tudo o que está ao redor. A fotografia muda. A crônica muda. A vida muda.

E o fotógrafo compreende, enfim, que algumas imagens jamais caberão num álbum. Permanecerão guardadas no único lugar onde o tempo não consegue apagar os retratos: o coração.

